

## DE ANTÍGONA A ZORRO

### TEMAS E FIGURAS DO ORIENTE E DO OCIDENTE *Subsídios para um Cânone Universal*

Paulo Ferreira da Cunha<sup>1</sup>

**Resumo:** Uma Civilização universal é um projeto em rede e em crescimento, assente, no plano ético e jurídico, no Direito democrático, de que os Direitos Humanos têm sido arautos. Tal implica, no plano da cultura e do espírito, não apenas a tolerância, primeiro passo iluminista, mas mais ainda a procura da convivência e do diálogo. Os fundamentos de uma tal civilização podem ir-se colhendo em múltiplas culturas localizadas concretas, que foram dando contributos para o todo da Humanidade. Aqui se propõem alguns vetores de nomes e temas que poderão quicá ser um primeiro passo para uma enciclopédia universalista de um cânone universal.

**Palavras Chave:** Antígona, Job, Bizantinismo, Kant, Xangô, Yoga, Zorro.

**Abstract:** A universal Civilization is a networked and growing project, based, on an ethical and legal level, on democratic Law, of which Human Rights have been heralds. This implies, at the level of culture and spirit, not only tolerance, the first Enlightenment step, but mainly the search for coexistence and dialogue. The foundations of such a civilization can be gathered from multiple concrete localized cultures, which have been making contributions to the whole of Humanity. Here we propose some vectors of names and themes that could perhaps be a first step towards a universalist encyclopedia of a universal canon.

**Keywords:** Antigone, Job, Byzantinism, Kant, Shango, Yoga, Zorro.

## I.A TRAGÉDIA HELÉNICA: ANTÍGONA

“Et voilà. Sans la petite Antigone, c’est vrai, ils auraient tous été bien tranquilles. Mais maintenant, c’est fini. Ils sont tout de même tranquilles. Tous ceux qui avaient à mourir sont morts. Ceux qui croyaient une chose, et puis ceux qui croyaient le contraire – même ceux qui ne croyaient rien et qui se sont trouvés pris dans l’histoire sans y rien comprendre. (...) Un grand apaisement triste tombe sur Thèbes et sur le palais vide où Créon va commencer à attendre la mort.”

Jean Anouilh, *Antigone*.

---

<sup>1</sup> Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (em licença).

Se *Édipo Rei* é a obra teatral modelar, ou por excelência, pela sua estrutura dramática, *Antígona* (tendo como pontos mais altos na dramaturgia a de Sófocles e a de Jean Anouilh), é a trama ou o mito mais representativo das relações complexas entre o Poder e a Justiça e entre o Direito positivo e algo de normativo que o transcende, como é a própria Justiça.

Todos deveriam conhecer a estória: à morte de Édipo (depois de circunstâncias trágicas – mas esse já é outro mito), seus filhos Etéocles e Polinices deveriam alternar-se no trono de Tebas. Mas ao fim do primeiro período, o que estava no poder não o cede ao outro. O irmão preterido abandona então a cidade e alia-se a potências “estrangeiras”, e põe-lhe cerco. No ataque e defesa das muralhas perecem os dois.

Passa a governar o tio dos contendores, Creonte, que para firmar o seu poder recente e fazer “punição exemplar”, condena o príncipe agressor a não ter exéquias fúnebres. A morte será o salário de quem se atreva a desobedecer-lhe neste decreto, aparentemente não por completo original, mas sem dúvida bárbaro.

Antígona, irmã de ambos, vai ousar fazê-lo. E pagará a sua audácia com a morte (embora exista uma variante, em Eurípidés, o tragediógrafo iconoclasta, segundo a qual ela teria fugido com o noivo Hémon, que Sófocles também faz perecer, e teriam vivido felizes).

Antígona perece, mas não sem antes discutir com dignidade e altivez com o monarca seu tio (e destinado a ser seu sogro, o que obviamente não virá a verificar-se), invocando a sua obediência a leis mais altas que os decretos humanos, leis não escritas, *agraphoi nomoi*.

Na nossa sociedade tecnocrática e superficial, esquece-se frequentemente que existem leis (e princípios) profundos e enraizados, e que as normas burocratizadas e quantas vezes editadas por mera tática política estão muito abaixo na hierarquia, pois as não escritas, de que falava Antígona, parecem encontrar-se inscritas no ADN axiológico humano. Como, no caso, o respeito pelo descanso eterno dos mortos, sejam eles amigos ou inimigos.

As interpretações do mito têm sido múltiplas. O facto de a princesa desobediente remeter para leis não escritas, que tanto podem ser costumes

como a lei natural, ou o próprio Direito Natural, conforme os intérpretes, não faz dela uma conservadora, e a Creonte um revolucionário político voluntarista, com o desejo de colocar a casa em ordem. Qualquer que seja a justificação, quem paga com a própria vida a defesa de uma ideia está do lado do progresso. E, no caso, não é por o dever de honrar os mortos ser muito antigo que Antígona deixa de ser uma revolucionária: ela desafia o poder e, para mais, sabe que irá perder nesse confronto.

Alguns gostariam de destruir ou denegrir o mito de uma Antígona defensora da Justiça, mesmo contra o direito positivo vigente. É mais uma heroína a ser atingida no processo de destruição de valores e grandes vultos que os encarnaram.

Entretanto, do mesmo modo que existe em termos psicanalíticos o complexo de Édipo, mais conhecido pela fixação do menino na figura maternal, e o simétrico complexo de Electra, das meninas face a seus pais, pode falar-se ainda num (decerto mais meandroso ainda) complexo de Antígona, entre o desejo e a morte. Igualmente, como o de Electra, com fixação paternal, mas mais generalizadamente com excessiva ligação à família e sacrifício pessoal, até da própria vida (cf. Lacan e Morel).

Seja como for, na cultura geral corrente, Antígona não corresponde primacialmente a uma questão psíquica, ou sequer a um tipo humano psicológico, mas a uma atitude, que é essencialmente política, chegando esta a obnubilar a dimensão criminal da trama, que evidentemente existe.

## II.O ANTIGO TESTAMENTO BÍBLICO: JOB

*'èt naphshô shmôr.*

Livro de Job, II, 6.

Esta personagem bíblica entrou nos usos da nossa linguagem de há muito: Job. Ainda é corrente dizer-se (embora cresça a olhos vistos a incultura bíblica, como a greco-latina, como toda...) “pobre como Job”. Dizer “paciência

de Job”, como assinala Samuel Terrien, já é colocar muito a nota numa das duas partes do texto bíblico como o conhecemos, e já veremos *infra*.

Insistimos: a escolha de Job é muito pessoal. Ele apresenta-se-nos como um símbolo maior, profundamente significativo, da condição humana. Paul Claudel inicia o seu estudo sobre o tema (*Le livre de Job, in Commentaires et Exégèses, Oeuvres complètes*, tomo XXI, p. 125 ss.) com uma apologia que mais parece um hino. Depois de considerar o Livro de Job o mais sublime, impressionante e audacioso do Antigo Testamento, mas também o mais enigmático e o que mais desilude e choca, a dado passo interroga-se e interroga (nossa tradução livre): “Que voz! Quem alguma vez pleiteou pela causa do Homem com uma tal intrepidez, com uma tamanha energia? Quem algum dia encontrou nas profundezas da sua fé abertura a um tal grito, a uma tal vociferação, a uma tal blasfêmia? (...) Não é apenas um grito, é um requisitório, é um ato de acusação (...)” (p. 127).

Job é uma pessoa feliz, em todas as dimensões da felicidade terrena. Ao ponto de Deus ter como que provocado o diabo, apontando-o como exemplo. Mas o Maligno, sempre esperto e malévolo, argumenta que ser crente e boa pessoa decorre apenas da boa vida que lhe tocou viver. Fora ele pobre, doente, abandonado por todos, e logo se revoltaria e deixaria decididamente o bom caminho.

Então Jeová (temos que pressupor, parece-nos, que Ele é onisciente e assim sabe o que se vai passar no futuro... e por isso não arrisca nada...) como que aposta com o diabo. E entrega nas suas mãos a sorte da desditosa criatura, à qual o Príncipe deste Mundo fará as maiores injúrias e danos, privando-o de tudo e cobrindo-o de chagas... mas não conseguindo tirar-lhe a Fé e a Esperança.

Deus, tendo ganho a aposta, reintegra em dobro ou em triplo a felicidade de Job, servo fiel.

Durante a Baixa Idade Média foi ele dado como exemplo do “Homem justo”, sendo que a justiça perdera então a sua conotação especificamente jurídica, avultando o sentido moral e religioso.

Para nós, é mais o símbolo da imensa fragilidade da condição humana, sempre sujeita às caprichosas reviravoltas da *Fortuna*, que pode ser (como neste caso) comandada pelo próprio Mal.

As duas partes do livro bíblico de Job (a parte em prosa – 1,1 a 2,13 e depois 42,7-17 e o poema intercalar, entre 3,1 e 42, 6) são muito diferentes entre si e apresentam-nos um Job bastante diverso: o paciente e o revoltado (este o que coloca mesmo a questão sobre se a “aposta” terá sido realmente ganha por Deus).

Há autores que chegam a conceber a parte poética como antirreligiosa (ou “crítica de Deus”, *Gotteskritik*, na interpretação de Jung) ou muito problematizadora da divindade (e da sua bondade intrínseca). Pelo menos, concebendo-a como muito diversa das normais razões, aspirações e sentimentos humanos, que normalmente emprestamos às divindades (como já dizia Xenófanes). Outros, mais conciliadores, enfatizam a importância de uma antecipação da justificação pela fé, que terá mais importância no Novo Testamento, em São Paulo, e, como se sabe, na teologia evangélica.

É um manancial de interrogações e desafios, este livro que entrou no cânone bíblico, ombreando com alguns outros de estilo e conteúdo muito instigante para uma leitura simplesmente filosófica (mas obviamente também teológica, escriturística), como, por exemplo, o *Cântico dos Cânticos*, ou o *Evangelho* de João, que têm sido alvo de interessantes e por vezes surpreendentes comentários.

### III.O PERIGO DO INTELECTUALISMO AUTOFÁGICO: BIZANTINISMO

*O fenómeno da vida humana tem duas faces: a biológica e a espiritual. Disso resulta um duplo imperativo: a vida deve ser cultura, mas a cultura tem de ser vital. A vida inculta é*

*barbárie; a cultura desvitalizada é bizantinismo.  
A cultura do nosso tempo perdeu vigência vital.*

E. R. Curtius

Bizantinismo é “discutir o sexo dos anjos”, como se diz ocorreu efetivamente no Império Romano do Oriente, com os Turcos *ad portas*. Os teólogos digladiavam-se com esse especiosismo, enquanto a cidade e o império se perdiam. É um paradigma geral de intelectualismo: cair em “cortes de cominhos” mentais (de que falava já o Chanceler Bacon, nos seus *Ensaio*s).

Durante a Idade Média, muitos escolásticos se perderam em questões absolutamente ociosas, e daí a má fama que a escolástica veio a adquirir (e em muitos meios ainda hoje possui). E nem toda foi perda de tempo e pura especulação abstrata. Já, por exemplo, João de Salisbúria, no séc. XII, ridicularizava os “cornificianos”, que se ocupariam com ociosas questões como: “o porco que é conduzido ao mercado vai seguro pelo homem que o leva, ou pela corda que o ata?”, ou esta (a que não é alheio o pendor da especulação jurista): “quem compra uma capa inteira, também adquire o respetivo capuz?”.

Velho princípio de algum modo seu simétrico e seu antídoto, em contrapartida, é o da economia ou navalha de Ockham: dizendo que os entes se não devem multiplicar para além da necessidade (*entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem*). Os entes e os conceitos, as teorias, as discussões – só os que são úteis, necessários.

No séc. XIX, sobretudo, falou-se histórico-politologicamente, de bizantinismo para designar o sistema de governo (e igualmente o ambiente espiritual e cultural) do Império Romano do Oriente, caracterizado pela sua complexidade burocrática e pela autocracia. O mais interessante, porém, é que a conotação não se quedou por essa referência de história política, mas se alargou às formações sociais e regimes políticos (e mentalidades respetivas) que teriam herdado essa matriz: assim, dela comungariam os países dos Balcãs, o Império Otomano e a Federação Russa (cf. Dimitar G. Àngelov).

Por curiosidade, jogo, desenfado, não dizemos que não seja possível, aqui e ali, agora e logo, pontualmente sacrificar ao bizantinismo. Mas, em geral, é uma atitude desprovida de interesse, de utilidade muito exígua, ou mesmo nociva. Ou seja: perda de tempo, que não se deve esbanjar.

Bizantinismo é prender-se com bagatelas. Os romanos diziam que o pretor não trata de coisas pequenas (*de minimis non curat praetor*), tal como a águia não caça moscas (*aquila non capit muscas*).

Transposta esta atitude para o banal, teremos o retrato da psicologia da mesquinhez.

O Bizantinismo pode ser um enredar pseudo elitista, pedante, erudito. Há obras e conferências de um academismo bafiento, bolorento, não significante, indiferente aos problemas reais, superficial na sua pretensa densidade, com uso de língua de pau (*langue de bois*), etc. Mas também há um seu equivalente superficial, pseudo popular, em que os temas serão outros (de moda, de futebol, de rúgbi – depende dos países – de questões sentimentais, e até de política, tudo não de forma elevada, mas rasteira), discutindo com idêntica mesquinhez conceitos complexos e sobranceiramente olhando os não iniciados.

Também há Bizantinismo naquela velhinha que evidenciava à maravilha o pecado da gula ao fazer exigências despóticas (e absurdas) ao empregado de mesa no seu clube, ou num salão de chá elegante, exigindo uma infusão x ou y com açúcar XPTO, mas apenas numa quantidade “chiquitín”, segundo a versão espanhola do livro de cartas do diabo ao seu sobrinho (*Cartas del diablo a su sobriño*), de C. S. Lewis. Em Portugal, o livro tem um nome provocatório: *Vorazmente teu*, que é a fórmula com que o diabo assina as suas missivas. Quando se diz que o diabo está nos detalhes, esses detalhes são, em boa parte dos casos, nada menos que bizantinismos.

#### IV. ALVORECER DAS “LUZES”: KANT

*O céu estrelado por cima de mim  
e a lei moral dentro de mim.*

Immanuel Kant

Immanuel Kant pode não ter o ar glamoroso de Rousseau, nem a sua prosa a sedução estilística da do autor do *Emílio*, mas é uma enorme, gigantesca figura do pensamento, que contribuiu para nos arrancar (aos que souberam e sabem aproveitar) do sono metafísico, e sobretudo proclamou o advento da maioridade humana. No seu opúsculo *Was ist Aufklärung?*, explicou que o Iluminismo (hoje tão vilipendiado por obscurantistas retrógrados e alguns pós-modernos que não reconhecem a dívida que para as Luzes têm) era esse saber ousar (*sapere aude*).

A sua reflexão filosófica exige profunda concentração, e por isso é totalmente alheia e até avessa ao facilitismo balofo e verbalista imperante. Porém, deixou-nos alguns textos, como a *Paz Perpétua*, que podem ser lidos e entendidos por qualquer pessoa minimamente culta.

Conta-se que Kant (felizmente, há sempre anedotas a amenizar e a humanizar as grandes personalidades históricas) só teria alterado os seus hábitos regularíssimos por duas vezes: para ir comprar o *Contrato Social*, de Rousseau, e para saber novas da Revolução Francesa. Também se conta que teria tido pena do seu criado, pessoa muito piedosa, e acabaria por introduzir Deus no seu sistema filosófico para que ele não ficasse desamparado. Esta ideia é interessante, se levada até longe nas consequências: uma das interpretações mais sedutoras (pese o ser fantasiosa) poderia considerar que essa inclusão teórica equivaleria a um efetivo poder do filósofo de Königsberg sobre a verdade metafísica. Se ele inclui Deus, então Deus passa a existir. Uma espécie de novo *cogito* cartesiano, ou de argumento ontológico anselmiano.



Em qualquer das três historietas afigura-se-nos que agiu bem. Não merece, deveras não merece, que as suas estátuas sejam vandalizadas por terroristas urbanos armados de tinta normalmente, não transparecendo para o público sequer de que crimes é acusado. Talvez a sua maior falta tenha sido querer proclamar a necessidade de se sair do infantilismo, e usar a Razão. Mas há quem nunca cresça.

## V.UM CONTRIBUTO AFRO-BRASILEIRO: XANGÔ

*Salve, Xangô, meu Rei Senhor*

*Salve meu Orixá*

*Tem sete cores sua cor*

*Sete dias para a gente amar*

Baden Powell / Vinicius de Moraes,

*Canto de Xangô*

Para alguns grupos religiosos mais ou menos extremistas, radicais, ou fundamentalistas, que ignoram o conceito de ecumenismo ou sequer o de tolerância religiosa e de crença, todas as entidades dos panteões religiosos ou espirituais ou até simplesmente mitológicos alheios são pura e simplesmente “demónios” no sentido pejorativo, não no do *daimon* grego, que nomeadamente inspirava Sócrates.

Compreende-se esse contra-ataque de terra queimada ao sincretismo, para procurar evitar abalos na fé dos próprios crentes e os reter na ortodoxia da respetiva denominação, seita, igreja, grupo.

As religiões afro-brasileiras encontram-se, elas próprias, plenas de sincretismo, em contrapartida. Num terreiro, paredes meias se misturam figuras de diversa proveniência, desde logo cristãs e africanas.

Xangô parece-nos ser uma divindade (propriamente um “orixá”) de origem obviamente africana, com interesse simbólico para a representação do Direito e da Justiça. Nem só de *Thémis*, *Diké* e *Iustitia* vive o jurista culto!

A mitologia desta entidade é complexíssima, e a racionalidade ocidental nela não deixará de ver alguma contradição – mas trata-se, evidentemente, de um salto na forma de pensar. É interessante (e poderá fazer-nos meditar) uma deidade da Justiça que o é também do fogo e da virilidade, senhor do trovão e dos raios (aí como Zeus, ou Júpiter), e tendo como atributo um machado de dois gumes, este último pleno de possibilidades interpretativas.

Com efeito, é um símbolo muito antigo, que parece ter existido desde a Idade do Bronze. Observa-se na civilização minoica, em Creta e nalgumas outras ilhas do mar Egeu, mas também foi usada por regimes fascizantes (como o da França de Vichy) e na Grécia de Metaxas (mentor do chamado “Regime do 4 de agosto”), e mais recentemente (desde os anos 70 do século passado), enquadrado por um triângulo negro com o vértice para baixo dentro de um fundo roxo, simbolizou algum feminismo lésbico, ou, pelo menos, algum poder feminino e matriarcal (é o que diz a Wikipedia!...). Como se vê, é muito complexa e ambivalente a hermenêutica dos símbolos, sobretudo com o peso da sua utilização histórica.

Seja como for, Xangô é um deus justiceiro, mas indubitavelmente violento.

Não o recomendamos, assim, como paradigma do Direito Fraternalista, que pretende superar o direito “do aço frio das espadas”, como dizia o poeta, que fora efemeramente advogado, Teixeira de Pascoas.

Mas não deixa de ser interessante assinalar a existência e a possibilidade desta divindade da Justiça. Há “várias moradas” na casa da Justiça. E quanto a violência, recordemos o poema de Bertolt Brecht sobre o rio e as suas margens, ou, ainda, a expulsão dos vendilhões do tempo por Jesus, tão bem efabulada por El Greco e por Rembrandt. No Evangelho de São Mateus, X: 34 ss., o Cristo afirma de si mesmo que não veio trazer paz à terra, que não veio trazer a paz, mas a espada. Não esqueçamos o legado das ordens

religiosas militares, como, desde logo, os Templários. E o símbolo da cruz de Santiago é com toda a evidência uma fusão da cruz com a espada.

É preciso, pois, repensar bem, e integrar (até no plano do equilíbrio psicológico) a violência e sobretudo a violência legítima, seja ela de punição pelo monopólio estatal da coação legal, seja ela a “guerra justa”.

Os acontecimentos mais recentes no plano internacional convidam-nos não, de modo algum, a um belicismo sistemático, mas não podem deixar de considerar ingenuidade aquela posição dos que pensam ser possível um idílico pacifismo por regra. O anelo sincero da Paz tem de ser compatibilizado com aquele conselho bíblico de se ser sem malícia como as pombas, porém com a prudência das serpentes (Evangelho de Mateus, X: 16). *Si vis pacem, para bellum.*

## VI. GLOBALIZAÇÃO DE UM LEGADO EXTREMO-ORIENTAL: YOGA

*Yoga is the journey of the self,  
through the self, to the self.*

*Bhagavad Gita*

Desejamos aqui homenagear e dar lugar simbólico às múltiplas espiritualidades, mundividências ou cosmovisões, práticas, metodologias, rituais, vivências que se souberam incrustar na civilização ocidental (muitas delas vindas do oriente, e aqui adaptadas – como, por exemplo, a meditação - veja-se, por exemplo, o movimento de John Maine) e hoje fazem parte dela. Algo como o que se passou, a um nível muito mais profano, e mal comparando (não se leve a mal a transposição, apenas didática) com as gastronomias orientais, que aqui foram acolhidas e com muito sucesso – desde logo, os vários tipos de vegetarianismo.

Se pensarmos na Civilização como um todo (e levarmos a sério o problema, que bem o merece, e não é fácil), e sobretudo se o fizermos com o avaliador universal da democracia e do direito democrático, como faz Yadh Ben Achour, todo esse património riquíssimo entra, de pleno direito. Excluem-se, evidentemente, as mistificações...

O Yoga teria tido como fundador o próprio deus Shiva, o grande transformador, ou “Grande Deus” (membro da trindade hinduísta, com Brahma e Vixnu), tão complicada de entender para a mentalidade euro-americana.... São belíssimas as estatuetas em que esta divindade dança, com vários braços, dentro de um eloquente círculo de fogo.

O Yoga é, assim, uma prática de transformação multidimensional, englobando elementos mentais e físicos, que vão da meditação (*Dhyana*), concentração (*Dharana* e *Pratyahara*), e do estado elevado de consciência (*Samadi*) às práticas de valores (*Yama* e *Niyama*) e exercícios físicos (*Asana* e *Prana Yama*), esta última de controlo da respiração.

Não confundir as sabedorias e práticas (orientais ou não) com pergaminhos seculares com embalagens comerciais de gurus argentaristas ou manipuladores, que começaram a proliferar há já uns bons anos.

## VII.MITOLOGIA DO CINEMA NORTE-AMERICANO: ZORRO

*Oppression — by its very nature — creates the power that crushes it. A champion arises — a champion of the oppressed (...)*

*Then — out of the mystery of the unknown — appeared a masked rider who rode up and down the great highway —punishing and protecting and leaving upon the vicious oppressor.*

Douglas Fairbanks, *The Mark of Zorro*.

Parece que há uma factualidade histórica por detrás do mito de Zorro (cf. Troncarelli). Na base da efabulação estaria a personagem de um tal Guillén Lombardo, cujo verdadeiro nome seria William Lamport: era um nobre e letrado irlandês, que frequentara a universidade e tinha vistas largas e espírito inquieto e empreendedor.

Seduzido pelo Novo Mundo, instala-se no México em 1640. Mas, logo chocado com as injustiças que aí lhe era dado presenciar, gizaria um plano de rutura política com a Espanha colonial, que se veria frustrado, porque entretanto viria a ser apanhado nas malhas da Inquisição. Acusado de magia e astrologia, é preso em 1642, e em cativeiro permaneceu até finais do século XVII.

Alguns identificam o surgimento literário da personagem na novela *The Curse of Capistrano* de Johnston McCulley, editada em 1919 e que esteve na origem da adaptação cinematográfica (muda) do ano seguinte, *The Mark of Zorro*, assinada por Douglas Fairbanks e por ele também protagonizada no papel de *Don Diego Veja (sic), Señor Zorro*.

O mito de Zorro tem proliferado por histórias aos quadrinhos e por filmes, alguns deles verdadeiramente picarescos, pela espetacularidade da ação e do uso do procedimento cénico do *deus ex machina*.

A ideia deste mito tem na sua raiz algo semelhante ao Super Homem e ao Batman, embora transportada para uma *ambiance* mexicana (parece que originalmente Zorro desenvolve a sua atividade justiceira na Alta ou Nova Califórnia). O aristocrata local, Don Diego de la Veja (o “de la” é uma sonante interpolação não original), socialmente cortês e até timorato, apossa-se plenamente da sua personalidade inteira e profunda quando se veste de negro, com chapéu, capa e mascarilha a condizer, e armado de florete agilíssimo, e vai, com o seu ginete negro (o “Tornado”), qual cavaleiro andante quixotesco (mas não burlesco, antes herói), em defesa das viúvas e dos órfãos do seu tempo. Ou seja, lutando contra as injustiças sociais.

É assim que aqui a figura pesadona de Sancho Pança é um oponente, o Sargento Garcia, que apesar dos seus desmultiplicados esforços nunca consegue desvendar a identidade do misterioso justiceiro. Nos últimos filmes,

tem ressaltado mais uma figura feminina de vincada personalidade e ânimo, que até se bate em duelo com o protagonista. Com armas, sim, mas também em dança carregada de acordes espanholistas muito sugestivos.

De qualquer forma, heróis como estes (Zorro, Super Homem, Batman) são essencialmente solitários (tópico também glosadíssimo na BD de Lucky Luke, o “solitário cowboy”) embora solidários. Já, por exemplo, Robim dos Bosques vive numa comunidade de procurados pelo xerife, não é um solitário.

## IX.DE ANTÍGONA A ZORRO

Ao longo destas laudas evocamos ideias, conceitos e personagens. De entre estas, a primeira, Antígona, luta por uma justiça mais alta que a terrena para o seu irmão. Dir-se-ia que é uma justiça muito particular, desde logo familiar. E faz gala em dar a cara e assumir a transgressão às ordens do novo rei, Creonte. Já, em contrapartida, Zorro defende os mais vulneráveis, os mais injustiçados naquela comunidade. E significativamente não revela quem é, não se desvenda. Zorro está algumas vezes à beira de ser apanhado, mas nunca o será. Antígona parece comprazer-se com o seu sacrifício. Cair nas malhas da punição parece ser o seu destino. Também Kant moderadamente afrontou algumas instituições do seu tempo, e, vendo que não havia suficientemente clima de liberdade, de forma prudente se foi calando em temas mais sensíveis.

Há quem saiba calar-se, quem saiba ser discreto, quem saiba afrontar o poder despótico olhos nos olhos e não tema a morte, e quem expluda em fogo e armado de machado de dupla lâmina. Existem arquétipos para todo o tipo de personalidades. Assim como há palavras e conceitos de estimação de uns, e de execração por parte de outros. Este pequeno artigo pretende também demonstrar a pluralidade de assuntos interessantes e formativos, que podem apaixonar os mais jovens e ser recordados pelos mais velhos.

Recebido para publicação em 19-06-24; aceito em 19-07-24